

TESIO, Giovanni; PENNAROLI, Giulia. (Org.). *Lo sguardo offeso: il paesaggio in Italia – storia, geografia, arte, letteratura. Atti del Convegno Internazionale di Studi. Torino: Centro di Studi Piemontesi/ Ca dë Studi Piemontèis, 2011. 396 p.*

*Matheus Trevizam*  
Universidade Federal de Minas Gerais

**A**lguns temas, pela riqueza das associações e desdobramentos que favorecem, são privilegiados como zona de confluência dos olhares perscrutadores dos mais variados especialistas. Assim se dá quando mencionamos o conceito de “paisagem”, hoje automatizado no emprego de falantes de tantos idiomas modernos – *landscape, paysage, paesaggio...* –, mas, como tudo na prática cultural humana, dotado de significações sempre cambiantes e historicamente construídas. Recente trabalho que nos chegou às mãos,<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> TESIO, Giovanni; PENNAROLI, G. (Org.). *Lo sguardo offeso: il paesaggio in Italia – storia, geografia, arte, letteratura. Atti del Convegno Internazionale di Studi. Torino: Centro di Studi Piemontesi/Ca dë Studi Piemontèis, 2011.*

publicado pelo Centro di Studi Piemontesi (Ca dë Studi Piemontèis) de Turim, na Itália, reúne, por feliz iniciativa dos organizadores de um Congresso<sup>2</sup> ocorrido entre 24 e 27 de setembro de 2008 em diferentes cidades daquele país – Vercelli, Demonte, Montà –, um conjunto significativo de textos em conexão com o assunto investigativo da *paisagem italiana*.

São, na verdade, nada menos que vinte ensaios atinentes à cobertura de algumas das apresentações ocorridas no dito evento, cujas áreas de pertença dividem-se, a título de exemplificação, entre a filologia clássica, a literatura moderna em língua italiana, a história da agricultura peninsular, as artes plásticas, a geografia, a ecologia... Além desses ensaios, abrem e fecham o volume, respectivamente, uma *introdução* de Giovanni Tesio, em que se trata das conjunturas de ocorrência do “Convegno” e da importância da abordagem e estudo do tema “paisagístico”, e um *apêndice* do mesmo autor, espaço para o término da obra com reflexões, por vezes, de natureza literária.

Apenas um texto destas Atas, observamos, diferencia-se dos restantes pela focalização em paisagens não-italicas e pelo idioma de escrita: é o ensaio “Del paisaje de la defensa a la defensa del paisaje”, de Josep Vicent Boira i Maiques (Universitat de València), em que o autor aborda em espanhol o tema da inserção militar das torres de vigia – séc. XVI – nas costas do País Valenciano, bem como a complexa questão patrimonial deste legado e as estratégias públicas para conservá-lo. Por essa pequena amostra das áreas científicas pelas quais se dividem as abordagens dos autores dos textos contidos na obra, já nos parece confirmar-se nossa inicial proposição de que o assunto “paisagístico”, em seus sentidos os mais amplos possíveis (históricos, econômicos, geográficos,

---

<sup>2</sup> Convegno Internazionale di Studi (24-25 settembre 2008 – Vercelli –, 26 settembre 2008 – Demonte –, 27 settembre 2008 – Montà).

literários...), e não só *arquitetônicos*, de fato apresenta potencial propiciador de uma rica interlocução entre especialistas dos mais distintos domínios do saber universitário.

Desejamos, porém, por motivos referentes à nossa própria formação e atuação profissional, destacar alguns momentos do livro *Lo sguardo offeso* em que os interesses dos autores se avizinham mais dos estudos literários e filológicos. Os textos “Il paesaggio italiano in Teocrito e Apollonio Rodio”, de Benjamin Acosta-Hughes, “Immensità dei paesaggi virgiliani di cielo, di mare, di monti”, de Mario Geymonat (Università Ca’ Foscari, Venezia) e “Quando il paesaggio non era stato ancora inventato”, de Ermanno Malaspina, atendem a esse recorte que julgamos conveniente estabelecer, pois, evidentemente, enquadram-se no âmbito investigativo da filologia greco-latina.

Ora, assim é que, no primeiro texto em questão, o estudioso (University of Michigan, USA) faz leituras não convencionais dos poemas do bucólico Teócrito – séc. IV-III a.C. – e do épico Apolônio de Rodes – *Argonáuticas*, séc. III a.C. –, buscando apontar como, em ambos, eventuais detalhes compositivos atestam tentativas de apreender com palavras mares, montes, rios e bosques da Itália (ou da Sicília). Um exemplo possível é o da passagem dos argonautas de Apolônio por terras do Ocidente – canto IV –, em que se incluem o Adriático, o rio Erídano (moderno Pó) e, mesmo, o Ródano e os Alpes; na descrição do Erídano pelo poeta épico (v. 596-611), destacam-se o emprego da mitologia e os tons fantásticos da caracterização geográfica, já que, no primeiro caso, ele se liga à queda de Faetonte,<sup>3</sup> castigado por Zeus, em suas águas e, no segundo, mostra-se como palude a exalar vapores ardentes, por

---

<sup>3</sup> Faetonte, na mitologia grega, foi o lendário filho adolescente do Sol, que tomou o carro de fogo do pai sem saber conduzi-lo. Para que não abrasasse as terras (ou os céus) aproximando-se demais delas com o objeto, Zeus matou-o com um raio.

causa do próprio aquecimento ainda propiciado pelo cadáver em chamas daquele filho do Sol, que o rei dos deuses fulminara com seus raios.

O ensaio seguinte percorre os poemas virgilianos – *Bucólicas* e *Eneida*, sobretudo –, demonstrando que o elemento paisagístico de amplas dimensões corresponde a um dos ingredientes de maior sucesso na tessitura da refinada obra do maior poeta de Roma: basta evocarmos o antológico país da Arcádia tal como literariamente plasmado por ele nas *Bucólicas*, sem imediatos correspondentes nas literaturas grega e latina precedentes. Contudo, também se poderiam extrair pontos da *Eneida* e das *Geórgicas* em que a questão da apreensão espacial ganha destaque: comprovam-no várias cenas de esboço de paisagens montanhosas, como o monte Ida de Troia, ponto de referência afetiva para os teucros fugitivos do grupo de Eneias (*Eneida*, canto X, v. 158), as sete colinas de Roma, a que o poeta chama, metaforicamente, *arces* (“cidadelas”) no canto VI, v. 783 da mesma *Eneida*, devido a seu caráter de barreira defensiva contra invasores externos, e o maciço calabrês chamado *Sila* em latim, palco do enfrentamento “amoroso” entre bois por uma bela novilha em *Geórgicas* III, v. 715-724.

Por fim, em “Quando il paesaggio non era stato ancora inventato”, Ermanno Malaspina (Università di Torino) recorre a substancial fundamentação bibliográfica, em várias línguas de cultura – inglês, italiano, alemão, francês, latim... – a fim de investigar a possibilidade da extensão do conceito *moderno* de “paisagem” para o entendimento dos *antigos* a respeito dos espaços do mundo em que viviam e agiam com interferências mais ou menos bruscas. Ora, a primeira dificuldade de sua tentativa está, como observa, em que já as definições modernas de “paisagem”, ou os pressupostos um dia estabelecidos pelos estudiosos para que semelhante ideia exista em uma dada cultura, não são estáticos ou, sequer, de todo coerentes entre si

(p. 56-59). E, quando se referiam espacialmente a lugares, os latinos em geral disseram concretamente *locus*, enquanto os escritores greco-romanos sempre julgaram, à maneira retórica, fazer *ekphrasis/descriptio* ou *topographia*, não esboço de paisagens... Consideramos que este texto apresenta contribuição importante para que se evitem anacronismos diante de algo, suspeitamos, bastante imbuído de peculiaridades culturais e cronológicas, como foi a percepção dos antigos sobre o meio físico.

No conjunto, a iniciativa de organização destas Atas destaca-se, além do supracitado aspecto multidisciplinar, pela grande qualidade e interesse, dentro do assunto em geral proposto, das contribuições ensaísticas que reúne. Portanto, muito proveito delas tirarão, para documentar-se em seus estudos ou alimentar-se academicamente de boas e seminais ideias, todos os que tiverem a oportunidade de acesso ao livro correspondente.